

PAM PAM PUM



SUPLEMENTO
INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

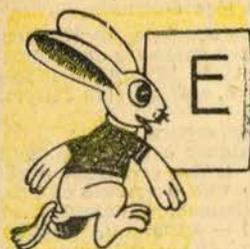
Direcção de AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XV

LISBOA, 21 DE MARÇO DE 1940

N.º 738

EM PLENA ÁFRICA AUSTRAL



ESTENDIDOS à sombra dum gigan-tesco chorrão, dois homens conversavam observando com extrema atenção, as águas do rio Orange. Este rio da

África austral, pode rivalisar, pela sua grandeza, com as três grandes artérias africanas: O Nilo, o Niger e o Zambeze, pois, como eles também, possui magníficas cataratas.

Neste lugar, o Orange, aproximando-se das montanhas do Duque d'York, oferece a todos os olhares um admirável espectáculo.

Ora destes dois homens que o acaso dum a exploração tinha trazido a esta parte da África austral, um havia que prestava a toda esta magnífica paisagem, uma vaga e distraída atenção. Este viajante indiferente, era um caçador «bushman», um belo tipo desta valente raça da África Oriental, de olhos vivos, gestos rápidos, cuja vida nómada se passa entre bosques. Este nome de «bushman» significa, absolu-

tamente, «homem do mato». Aplica-se às tribus errantes que batem o país no noroeste da Colónia do Cap.

Nenhum deles tem vida sedentária. As suas existências passam-se a errar entre esta região, compreendida entre o Orange e as montanhas de Leste, a roubar as herdades, a caçar e, muitas vezes, praticando distúrbios.

Este «bushman» de quarenta anos, aproximadamente era um homem de alta estatura, possuindo extraordinária força muscular. A atitude, os movimentos, denunciavam a energia, a esper-teza, a acção do verdadeiro homem do mato.

Usava camisa de flanela encarnada, casaco e calças em pele de antílope, polainas de pele de gato selvagem. Do



pescoço deste bizarro caçador, estava suspenso um sacco contendo uma faca, um cachimbo e tabaco. Uma espécie de gorro de pele de carneiro, cobria-lhe a cabeça. Um cinto de lá selvagem apertava-lhe a cintura.

Dos ombros caía-lhe um manto em pregas, feito de pele de tigre que lhe descia até aos joelhos. Um cão de raça indigena, também nervoso e vivo, estendia-se a seus pés.

O caçador fumava num cachimbo de osso e dava sinais de viva impaciência.

— «Então, acalme-se, Mokum! — diz-lhe o seu companheiro. — Você,

enquanto não caça, é o mais impaciente dos homens! Mas deve compreender que nada podemos fazer, por enquanto.

Aqueles que nós esperamos chegarão dum momento para o outro, hoje ou amanhã.»

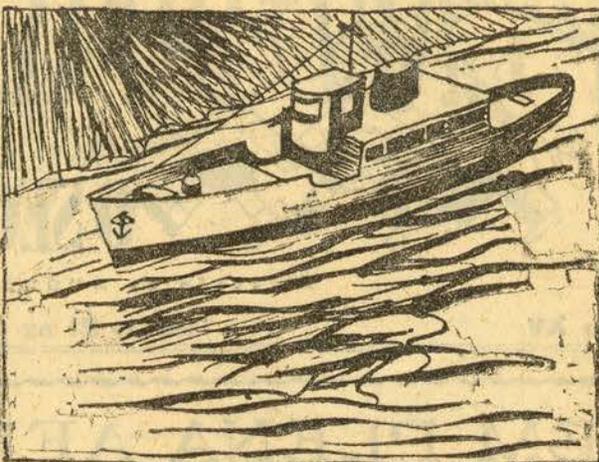
O companheiro do «bushman» era um rapaz dos seus vinte e cinco anos, que contrastava bastante com o caçador. O seu feitio calmo, manifestava-se nos mais pequenos gestos.

A-pesar de muito novo, era já um distinto sabio inglês — William Emery — astrónomo do Observatório de Cap e pessoa de grande renome. Dificilmente o jovem sabio continha a impaciência do seu companheiro que não podia estar quieto de maneira alguma.

— «Sir Emery — respondeu o caçador, em perfeito inglês — há oito dias que aqui estamos e nunca aconteceu, a nenhum membro da minha família estar quieto durante oito dias. Isto é quasi uma afronta a nossa raça! Nós somos nómadas e sentimos os pés a arder quando estamos muito tempo parados.»

— «Meu amigo Mokum: aqueles que nós esperamos vêm de Inglaterra. É preciso levar em conta a demora da viagem na travessia do Orange. Preparámos esta viagem de exploração a África Austral e temos que esperar aqui o meu colega, o coronel Everes!»,





do Observatório de Cambridge. Combinámos que o local do encontro seria junto às quedas de água do Morgheda; eis-nos junto delas. Que queres que eu lhe faça agora, meu bom amigo?!

O caçador queria mais alguma coisa sem dúvida, porque a sua mão acariciava, febrilmente, o cano da sua arma de precisão, um esplêndido Manton, de bala cônica, que permitia abater um gato selvagem ou um antílope, a distância de novecentas jardas. Há muito que o caçador havia renunciado às flechas para empregar armas europeias.

— «Tem a certeza de que não está enganado?» — perguntou, teimosamente, o caçador. — «É junto às quedas de água do Morgheda e no fim deste mês de Janeiro, que ficaram de se encontrar?»

— «Sim, meu amigo!» — respondeu, tranquilamente, Emery. — «Aqui tem a carta de M. Airy, director do Observatório da Greenwich, que lhe provará que não me engano.»

O «bushman» virou-a e revirou-a entre as mãos e, depois, pouco familiarizado com os mistérios da caligrafia, entregou-a novamente a Emery.

— «Diga lá o que diz esse bocado de papel.»

O jovem sábio, dotado duma paciência sem limites, leu-lhe a carta, pela vigésima vez...

E o silêncio, de novo, reinou entre eles, apenas cortado pelo brando ruído das cataratas cantando docemente...

De súbito, o caçador ergueu-se. Espreguiçou-se para desentorpecer os nervos e os músculos.

— «Vou dar uma volta!» — exclamou. Assobiou ao seu belo cão Top, que, imediatamente, se pôs a seu lado, ansioso, também, por movimento.

E os dois caminharam lado a lado. Leões, hyenas ou leopardos não assustavam o valente caçador que havia nascido entre eles.

William Emery, ficando só, estendeu-se à sombra dum chorão, amolecido pela alta temperatura da região e reflectindo na sua situação actual. Estava ali, longe das regiões habitadas, perto da corrente do rio Orange, então pouco conhecido. Esperava, a todo o momento, os compatriotas que abandonavam o seu país para correr os perigos duma expedição longínqua. Mas qual era o objectivo desta expedição? Qual o seu fim? Que problema científico queria ela resolver nos desertos da África Austral?

Eis precisamente o que não explicava a carta de M. Airy, o director do Observatório de Greenwich.

A ele, — Emery, — haviam pedido o seu concurso como sábio familiarizado com o clima das latitudes austrais ou meridionais e desde que se tratava evidentemente de trabalhos científicos, aceitara com prazer. A medida que o jovem astrónomo reflectia, o sono ia-o vencendo e, dentro em pouco deixava-se adormecer.

Assim que acordou, viu que o Sol já se havia encoberto por detrás das colinas ocidentais, que desenhavam o seu pitoresco perfil sobre o horizonte inflamado. Precisamente nesse momento ouviu-se uma detonação! Logo a seguir o «bushman» e Top, surgiram alegremente. Mokum trazia na mão uma espécie de antílope que que a sua espingarda acabava de abater.

— «Aqui temos já uma bela refeição! Vamos preparar a ceia!»

Emery ergueu-se, alegremente, encantado com a beleza do animal, cor de castanha, cuja garupa desaparecia sob os tufos de pêlos sedosos, duma brancura admirável. Estes animais, habitualmente conhecidos por «bodes saltadores» são vulgaríssimos nas regiões da África austral.

A ceia foi esplêndida, a carne do

animal era ótima e até Top dava estalinhos com a língua, ao saborear a parte que lhe fora destinada.

Numa calma absoluta, os dias continuavam o seu curso até que subitamente, uma tarde Mokum colando o ouvido à terra, escutou com extrema atenção.

Pouco depois, ergueu-se.

— «Ouvi qualquer coisa!» — exclamou. Talvez me tenha enganado e não seja mais do que o assobio da brisa através da folhagem. No entanto...

— «Mokum!» — exclamou, ansiosamente, Emery. — «Se o ruído que você ouviu é produzido pela máquina do barco a vapor, ouvi-lo-á melhor, baixando-se sobre a água do rio. A água propaga os sons, com mais clareza e rapidez do que o ar.»

— «Tem razão, m. William Emery» — respondeu o caçador. Já mais duma vez, tenho ouvido assim a passagem dum hipopótamo através das águas.»

Assim que Mokum desceu uao nível do rio, entrou nele até ao joelho e, baixando-se, colocou o ouvido á altura das águas.

— «Não me enganei!» — gritou ao fim de breves minutos. A poucas milhas, ouço um ruído de águas batidas com violência! É um marulho monótono e continuo!»

— «Um ruído de hélice?» — perguntou Emery.

— «Talvez, M. Emery. Aqueles que nós esperamos, não deverão estar longe.»

Numa ansiedade sem limites, o astrónomo, ao lado do caçador que já havia subido para a margem do rio, esperava em silêncio, com os olhos pregados a distância...

— «Fumo!!!» — gritou de súbito, Mokum!

Não podiam já duvidar! Um ligeiro penacho de fumo, avisava-se já e a embarcação avançava rapidamente!

Podia ouvir-se, claramente, o bater desordenado, do coração do jovem inglês!...

Com as orelhas em pé, Top piscava os olhos e dava pulinhos de contente...

(Continua no próximo número)

PASSATEMPOS

(Solução dos do número anterior:

- I — Viva o «Pim-Pam-Pum»
- II — De grão a grão enche a ga linha o papo.



Dona Raposa Matreira

D. Raposa Matreira estava nesse dia entusiasmadíssima! Sua encantadora filha, a menina Raposinha, ia ser finalmente apresentada na sociedade... Vaidosa em extremo mas, na opinião da mamã, dotada dos mais preclaros dotes de bondade, de inteligência, de formosura, de graciosidade enfim, com certeza iria revolucionar todo o mundo irracional, ávido por travar conhecimento com tão assombrosa donzela...

D. Raposa Matreira, tinha, porém, seus secretos desígnios; para futuro genro, só lhe convinha o Dr. Tigre, animal de excelente apresentação física, dum futuro brilhante pela sua comprovada inteligência e para mais possuídor duma fortuna incalculável! Antes de sair de casa, D. Raposa Matreira, tratou, como é natural, de dar uns derradeiros conselhos á filha:

— «Ouve, queridinha... Na festa a que vamos assistir, serás, sem dúvida, a mais linda, a mais prendada, a mais elegante... Mas não te faças vaidosa; mostra-te modesta, tímida, frágil... É necessário disfarçarmos as nossas índoles, para atrair sobre nós a simpatia, pois sei que, pelo menos, estas três qualidades te serão indispensáveis para obteres as boas graças do simpático Dr. Tigre, o noivo sonhado por todas as meninas irracionais, casadouras...»

— «Sim, mãezinha Raposa; farei como dizes, representarei o meu papel, de forma a agradar-te plenamente...» — e soltou uma risadinha de satisfação.

Todas tafuis nas suas ricas «toilettes» deram entrada no palacete do General Leão,—a figura principal do

reino,—situado numa densa floresta, prodigiosamente dotada pela natureza. Foram as últimas a chegar, e, é claro, todas as atenções se voltaram para tão distintas convidadas.

Logo, Dr. Tigre, deveras encantado em face dos saltinhos graciosos da Raposinha, se aproximou dela, convidando-a para dançar.

— «Não te esqueças adorada—(segredava-lhe a mãe, sorridente)—modesta, tímida, frágil, hein?!...»

E a dança começou... Raposinha e Dr. Tigre formavam um parzinho tão adorável que todos os restantes pares, pararam de dançar para melhor os contemplar. Que saltinhos, que pulinhos, que fragilidade tão feminina!



— «Decididamente a Raposinha é a mais linda pequena aqui presente!» diz-lhe o Tigre, lisonjeiro.

— «Muito obrigada, Doutor; mas não mereço tão gentis palavras!» volve Raposinha, baixando os olhinhos com disfarçada timidez.



— «Merece e bem, pois, além de bela e graciosa, acho-a duma timidez tão infantil, que me deslumbra...»

— «Por quem é, amigo Tigre, não diga mais... Não gosto nada de ouvir elogios, confunde-me...»

— «Bravíssimo! Ainda por cima é modesta... o mais belo adorno moral que pode ter uma menina...»

Raposinha perdeu a cabecita por completo! Estava radiante, por se ter saído tão bem das lições da mamã Raposa...

Quando a dança findou, os aplausos foram unânimes e estrondosos. Dr. Tigre agradecia comovido, mas a Raposinha, julgando que a partida estava soberbamente ganha, tratou de se mostrar tal qual era; mal se dignou agradecer as manifestações de apreço que lhe dispensaram, tomando uma attitude rígida, soberba, uma altivez de rainha... Dr. Tigre, ao vê-la, assim, tão repentinamente modificada, ficou perplexo! Num relance, compreendeu toda a farsa; todas as graças que primitivamente lhe tinha encontrado, desapareceram. O focinho do tigre ainda há poucos minutos dulcificado pelas emoções experimentadas, tornou-se terrivelmente feroz...

Do seu lugar, D. Raposa Matreira compreendeu tudo quanto se passava no íntimo do belo Tigre e ficou desorientada, furiosa! Tão furiosa que, apesar de matreira, não se conteve que não dissesse á filha em pasmosa berraria:

— «Sempre me saíste uma palerma! Nem pareces minha filha! Então eu não te disse, vezes sem conta, que era preciso pareceres modesta, tímida e frágil?!»

Uma ruidosa gargalhada de troça, foi a única resposta que mamã Raposa conseguiu ouvir, no auge do desespero pelas ilusões perdidas.

«Não basta parecer, é preciso sêr!»



Sábios

à pressa

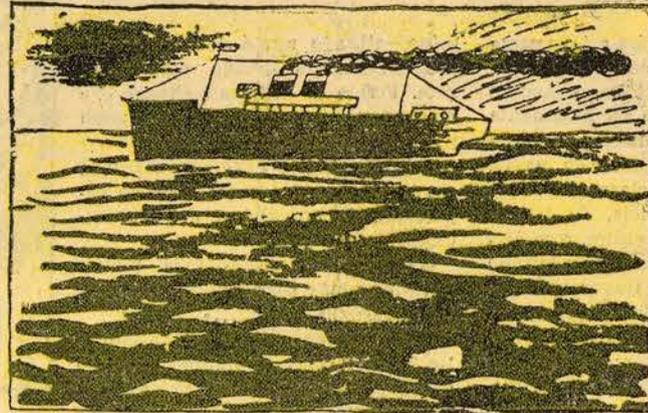
O sábio Doutor Pinguim, com literatas tendências, combinou com D. Saguim irem fazer conferências. Viriam só bichos de algó para assistir à função, pois quem não fôsse fidalgo não punha lá pé, nem mão. Mas havia um lado fraco na sua ideia tão fina, pois nem Pinguim, nem macaco,

percebiam patavina de letras ou de poesia, de história ou de outras tretas, porque um só piar sabia, e o Saguim, esse, em caretas é que era especializado. Depois de muito pensar, ficou assim combinado a tal sessão arranjar: Em palestra, nunca vista, falaria o tal Pinguim dum poeta quinhentista; em quanto o outro, o Saguim, leria um soberbo artigo, escrito num estilo fino, sobre os «cantares de amigo» e «flores do verde pino».

Despertou entusiasmo esse artístico serão; veio arrancar do marasmo uma enorme multidão. Trasbordaram os salões, a casa regorgitava.... Convidados e patrões que a ignorância irmanava, fingiam-se sabedores. Davam berros, davam urros,



A AVENTURA DE SENNB-AANIT



RAM doze, no paquete que os levava para França, doze que voltavam ao país natal, depois de se terem enriquecido à força de tenacidade, coragem e de infatigável perseverança.

Todos eram colonos dessa região do Congo que só agora começa a ser desmoltada. Alguns já se conheciam e formaram imediatamente um grupo, aliás simiático.

Um dia, à mesa, a conversação caiu sobre os animais ferozes que, em África, são os principais adversários do homem e que fazem retardar a sua acção civilizadora.

— Pela minha parte, disse um oficial de bordo, nunca tive ocasião de caçar o leopardo e, de resto, não creio que haja muitos na África equatorial.

— Que grande erro é o seu! Retorquiu, vivamente, um dos colonos. Esse animal encontra-se frequentemente em redor das nossas plantações; e para prova, acrescentou êle, voltando-se para os companheiros, temos a aventura sucedida a Sennb-Aanit, que julgo devem conhecer.

Ninguém dizia palavra, quando um colono, de aspecto forte, e de cabelos grisalhos, se levantou bruscamente:

— Conheço-a eu, disse êle, e por uma forte razão; é que fui testemunha dela.

— Então, você, por consequência, está mais apto do que eu para a relatar. Conte-nos isso, para que estes senhores vejam que se podem encontrar leopardos na África equatorial.

Sem se fazer rogar muito, o passageiro começou a sua narração, no meio de um silêncio geral.

— Isto passou-se há já cinco anos. Eu tinha ido visitar uma longínqua plantação e, para voltar para a minha casa, era obrigado a passar diante da herdade chamada Sennb-Aanit. Conhe-

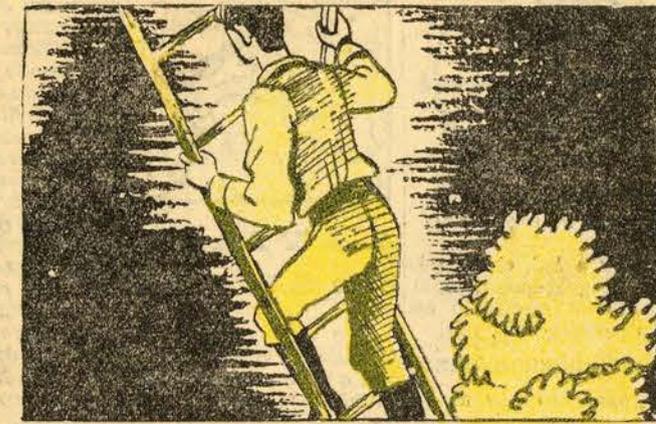
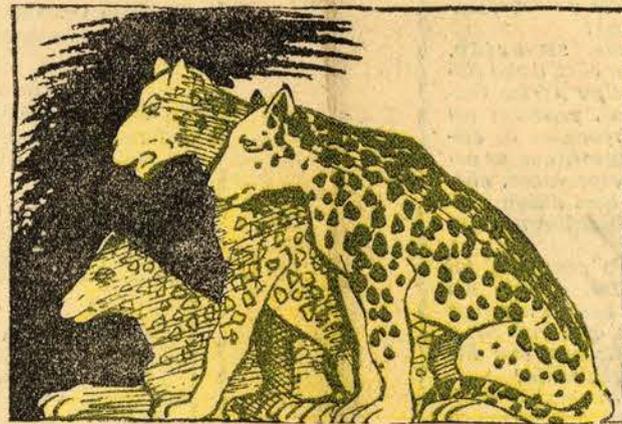
cia muito bem os rendeiros, sendo até hábito meu dormir em casa dêles, tôdas as vezes que acontecia afastar-me muito do meu tecto.

Seriam umas cinco horas da tarde, aproximava-me eu da herdade, quando o meu cavalo começou a dar sinais de inquietação. A cinquenta metros do portão, parou de súbito e deixou de obedecer às minhas repetidas esporadas. Desmontei-me e despertei-o: assim que se apanhou solto, tomou a galope e afastou-se rapidamente de mim.

«Com a minha espingarda na mão, o dedo sobre o gatilho, avancei cautelosamente até ao portão, que encontrei aberto de par em par. Para cúmulo, as portas dos estábulos estavam cuidadosamente fechadas.

«Intrigado com este mistério, continuei a andar. Pela porta entre-aberta, penetrei na sala grande do rez-do-chão, na qual reinava uma desordem indescritível.

«Subi a escada que conduzia ao primeiro andar; qual não



foi, porém, a minha estupefacção e, posso também dizer, o meu terror, ao ver, no patamar, encostados contra a porta fechada da cozinha e rosnando surdamente, três soberbos leopardos.

«Era um macho e uma fêmea, enormes, admiravelmente musculosos. O terceiro, mais pequeno, devia ser filho dos dois primeiros.

«Com presteza, e, felizmente, sem que a minha presença fôsse adivinhada, retrocedi. Rápidamente, compreendi o que se passara: as feras tinham chegado inopinadamente. Os pretos barricaram-se nos estábulos e os leopardos, particularmente esfomeados, foram obrigados a cair sobre os brancos, menos protegidos na casa e sem haverem tido tempo de fechar as portas.

Nesse momento, como um traço de luz, lembrei-me que Derblet, o rendeiro, não estava em casa, porque partira, há três dias, em expedição para o Norte.

«Desde então, só tive um desejo: vir em socorro da senhora Derblet e da filha, uma encantadora garota de dez anos, os únicos brancos que havia em Sennb-Aanit.

«Não podia ir pela escada, nem disparar sobre as feras, pois que, admitindo mesmo que matasse uma com o primeiro tiro, os outras cairiam sobre mim, antes que eu pudesse fazer o menor gesto.

«Procurei uma solução, que julguei ter encontrado, passado três minutos.

«Servindo-me duma escada de mão, encontrada por acaso, trepei ao telhado.

«Aí, depois de me ter felicitado pelo facto de os colonos estarem fechados na cozinha, a única divisão da casa que tinha uma chaminé, tentei descer.

«Não era empresa fácil. Todavia, dez minutos depois, caía na sala onde estava a senhora Derblet, apertando a filha contra si e protegida somente por dois pretos gigantescoos, espécie de intendentess chefes de toda a criadagem preta.

«Um dêles, cujo nome era célebre dois meses mais tarde em toda a colónia, chamava-se Boora.

«Calcule-se o espanto que eu causei a essa gente, já sofrivelmente emocionada.

«Ainda que coberto de fuligem, reconheceram-me facilmente, estimaram a minha chegada, principalmente por ir armado com a espingarda.

«A única porta da sala, era violentamente sacudida pelas feras, pelo que me encontrava pouco sossegado com o resultado desta aventura.

«Pusemos a readeira e a filha debaixo da chaminé e nós collocámo-nos à sua frente; os pretos com alfanques nas mãos e eu, de joelho em terra, com a espingarda junto à cara, pronto a disparar.

«As nossas gargantas, como que apertadas num tórno, recusavam-se a pronunciar uma palavra. Eu ouvia somente o choque surdo das feras contra a porta, cada vez mais abalada, e as pancadas do meu coração que eu ouvia distintamente.

(Continua na página seguinte)

pois se julgavam doutores, quando, no fundo, eram burros-

Logo que o Doutor Pinguim no quinhentista falou, nunca se viu coisa assim, toda assistência roncou totalmente adormecida, pois não havia no mundo coisa mais aborrecida nem maçador mais profundo! Mas, ao chegar o macaco, todos logo despertaram, porque o tipo era velho e então é que eles gozaram! Que o conferente mofino, esquecendo o seu papel, deixou as flores sem pino, quem fez o pino, foi êle! E ante essa coisa imprevista a assistência deu cavaco.... Se aquele conferencista não passava dum macaco!...

A moral que isto comporta serve ao rico e serve ao pobre: «pois quem o seu rabo corta, toda por trás se descobre.»

LAURA CHAVES



Pensamentos

Um livro é um legado que o seu autor deixa à posteridade.

O saber é para a alma, o que a saúde é para o corpo.

Anedota

A criada — «Menino Raul, se torna a bater no seu mano, não come doce ao lanche!».
Raul: — «Está bem! Então só lhe bato quando me doerem outra vez os dentes.»



(Continuado da página anterior)

«De súbito, com um enorme estrépito, a porta desabou. Os três leopardos saltaram ao mesmo tempo para dentro da cozinha, as ventas dilatadas, a língua vermelha fóra da boca, descobrindo os caninos ponteados que faziam estremececer.»

«Uma detonação retiniu, e a mais pequena das feras rolou no sobrado.»

«Eu ia visar de novo, mas esses animais são duma celeridade prodigiosa; uma terrível patada em chelo no meu peito, tombou-me no chão. A meu lado, um dos pretos torcia-se já, coberto de sangue.»

«Boora, tinha a pele do crâneo quasi completamente arrancada, e o rosto todo vermelho.»

«Arranquei o alfange da mão do preto moribundo e tentei defender-me, mas apenas fiz feridas insignificantes no animal que estava mais próximo de mim.»

«Julguei que tinha chegado a minha última hora, e esperava, com um horror medonho, a dentada que poria fim aos meus dias, quando o leopardo me abandonou repentinamente, para se enfurecer contra a rendeira que continuava a apertar a filhinha contra si.»

«Também elas sofreram feridas horribes, produzidas pelas patas e pelos dentes.»

«E foi então que vi esta coisa inaudita e que, depois, provocou a admiração de todos aqueles a quem a contei.»

«Boora, que se debatia com o segundo leopardo, vendo o perigo que corria a patrão, soltou uma das mãos que segurava a fera pela pele do pescoço, agarrou o outro animal, um pouco atrás das orelhas e, contraindo os músculos duma maneira irresistível, aproximou violentamente os dois crâneos.»

«As feras soltaram um surdo queixume e debateram-se ferozmente.»

(Continua na página 8)



TÓQUIO

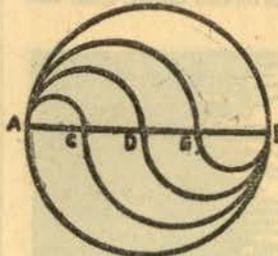
Os japoneses são asseados: Os japoneses gabam-se de ser o povo mais asseado do mundo.

De facto, todos os viajantes que têm visitado o país do Imperador do Japão, concordam em exaltar a extraordinária limpeza das casas, cujos sobrados são ensaboados todos os dias.

A estalagem mais modesta, possui, senão uma casa de banho, pelo menos uma grande vasilha de madeira, na qual os viajantes, depois de se terem lavado nos seus quartos, se banham todas as manhãs.

E um facto mais preciso, fará compreender o amor dos japoneses pelo asseio; Tóquio, a capital do Japão,

UM NOVO «OVO DE COLOMBO»



(Solução do problema)

BE, BD e BC, eis as três curvas, de igual comprimento, que dividem o círculo em quatro partes iguais.

cuja população não atinge três milhões de habitantes, conta mais de mil e duzentos estabelecimentos de banhos públicos.

Em Paris não há metade.



A AVIAÇÃO e os ANIMAIS

Uma das invenções mais formidáveis é, sem contestação, a da aviação. Um automóvel apenas permite, ao seu possuidor, avançar mais depressa do que se andasse a pé. Um transatlântico flutua sobre a água, como um nadador.

Mas o avião!... Antes do balão e do avião, o homem não pudera nunca, pelos seus próprios meios, elevar-se nos arês e dirigir-se.

Assim, o avião é de todos os engenhos inventados pelo génio humano, aquele que aos animais parece mais assombroso.

Observações feitas, um pouco por toda a parte, têm permitido constatar que os animais experimentam um

forte pavor à vista dos dirigíveis ou dos aeroplanos.

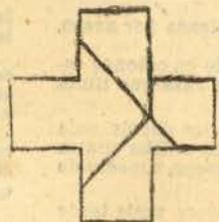
A caça foge. Os pássaros voam loucos, logo que sentem um desses extraordinários engenhos!

Ultimamente, um avião, passando por cima duma floresta, na antiga África Ocidental Alemã, produziu um terror nos rebanhos de elefantes selvagens, que os paquidermes, espantados, abandonaram para uma aldeia indígena, que destruíram completamente!

O segundo resultado foi que os pretos, quando um novo avião passou nas suas paragens, atacaram-no a golpes de flechas, sem lhe fazer mal, felizmente!

Mas os animais habituar-se-ão, certamente, pouco a pouco, a ver os homens voar!

ADIVINHA



Solução da publicada na página 8 do último número.

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

POR

ABELHA MESTRA

Despreocupada, sem receio de estragar o seu fatinho tão simples, lá vai a Luizita atrás da bola! Cai, levanta-se, pode sujar o fato, mas não faz mal; ele é lavável.

Reparem como é fácil a cópia deste modelo para os vossos bonecos e para os manos pequenos que, também, bonecos são! Arranjem para isso uma chitinha barata mas que lhes dê a garantia de não desbotar e façam o corte conforme o modelo.

Cosidas as duas costuras debaixo dos braços, estará o fato adiantadíssimo!...

Façam nas costas uma abertura para poder enfiar a cabeça e acabem-na com a respectiva bainha.

O mesmo farão às mangas e à saia que também precisam de bainha.

Apenas a golinha põe uma nota mais garrida e janota no meio desta simplicidade!

Vossa amiga

ABELHA MESTRA

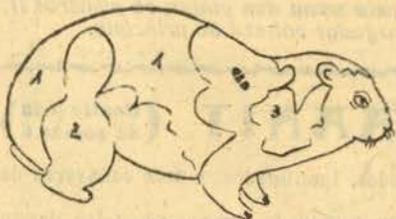


No Reino dos Bichos

Desenhos para colorir

COBAIA

Simpático roedor, mais conhecido por «porquinho da Índia», oriundo da América do Sul, é nos laboratórios, co-



mo os coelhos e os ratos, vítima de experiências científicas.

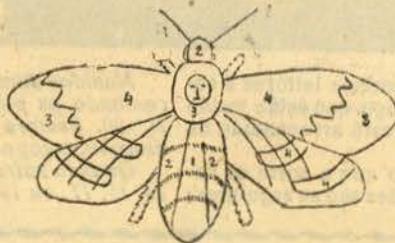
Podem colorir-lo a amarelo, (3) preto (1) e castanho (2).

Serve, também, para afugentar os ratos.

ESFINGE

Esta borboleta é assim conhecida, por causa das malhas que tem e quasi representam uma fisionomia humana.

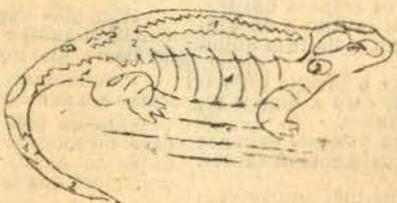
A parte indicada com o número 1, deve ser colorida a azul, com o número



2 a amarelo, com o número 3, a preto e, por fim, com o número 4, a castanho. As listas das asas devem também ser coloridas com esta última cor.

SALAMANDRA

É um batráquio, vulgar em Portugal que, nos seus primeiros tempos, vive



dentro de água. Quando adulto, prefere a terra.

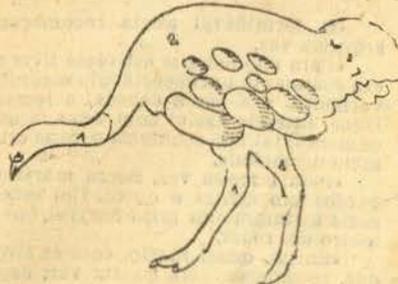
Útil à agricultura, a salamandra—que lembra um lagarto—é preta (1) e amarela (2).

Rasteja e passa por metamorfoses.

AVESTRUZ

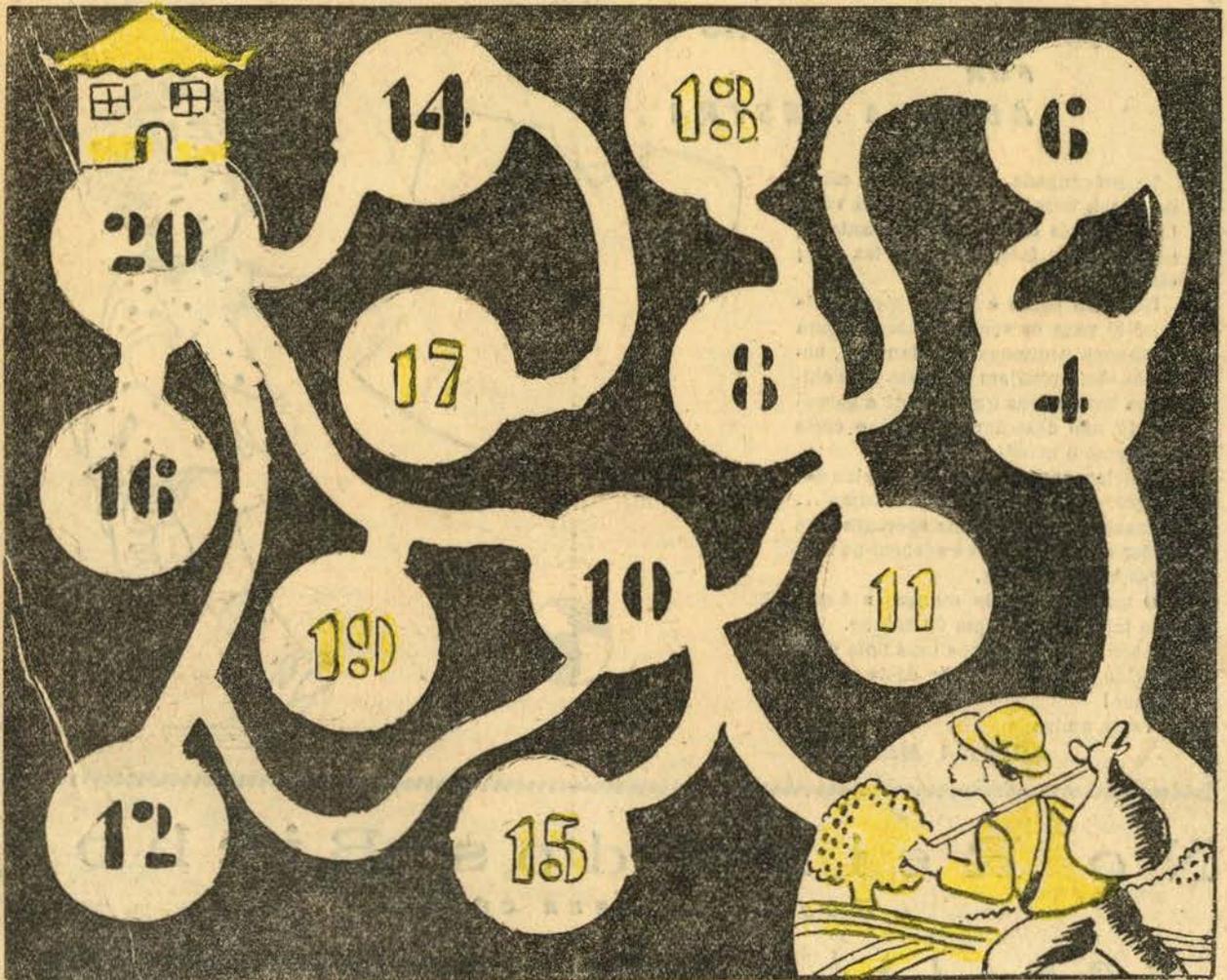
Eis a maior ave conhecida dos desertos sul-africanos, preciosa pelo valor das suas penas. O corpo é azul (2); tem o pescoço e as fortes patas amarelas (1) e a cauda branca.

Mede cerca de 3 metros de altura e,



com uma patada, pode matar um homem. Come tudo: ervas, sementes, cobras, pregos, paus, etc. Quando corre, abre as asas, para se equilibrar.

O JÓGO DO LABIRINTO



Vamos a ver qual dos nossos pequeninos leitores é capaz de conduzir a casa este filho pródigo, que estão vendo à direita da gravura acima, e que já está arrependido de a ter deixado.

Para tal conseguirem, é necessário que a sorte os bafeje neste divertido jogo, cujas instruções são as seguintes:

Munidos dum dado, vão-no lançando alternadamente e contando as pintas que irão somando até alcançarem o N.º 20. Sempre que saírem números que não figurem no desenho, o jogador cede a vez ao jogador seguinte.

Quando saírem, pela soma das pintas, os números 11, 13, 15, 17, ou 19, o jogador voltará ao princípio.

A AVENTURA DE SENNB-AANIT (Continuado da página 6)

«O formidável atleta recomeçou a sua proeza pela segunda vez.

«Para alguém que estivesse livre de toda a preocupação, era realmente um espectáculo magnifico ver-se esse gigante, vermelho dos pés à cabeça, a jorrar sangue por todos os lados, lutando assim com duas feras; para mim, desgraçadamente, tal não acontecia porque estava estendido no chão, meio desmaiado.

«Pela terceira vez, Boora martelou os crâneos dos leopardos um contra o outro. Um estalido retiniu e os animais soltaram um grito terrível, ouvido a mais dum quilómetro em redor.

«Enfim, quasi morto, com as forças e a energia esgotadas, recomeçou pela quarta vez; depois, caindo a meu lado, arrastando consigo as duas feras moribundas.

«Nas convulsões da agonia, agitaram violentamente as terríveis garras e rasgaram-nos ainda cruelmente as carnes.

«Eu desmaiei de todo.

«Quando, uma hora mais tarde, Derblet entrou em Sennb-Aanit encontrou os criados, quasi mortos de medo, nos estábulos. No primeiro andar, num lago de sangue,

cinco corpos estendidos, inanimados, e três cadáveres de feras.

«Por uma grande felicidade, uma canhoneira descia nessa tarde a Ogooné. Ancorou em Sennb-Aanit, e, no dia seguinte, transportava-nos a todos, salvo o segundo preto gigante que morrera nessa noite, ao mais próximo posto militar, onde um cirurgião nos prodigalizou, durante quinze dias, os seus mais atenciosos cuidados.

«Um mês depois, estávamos reunidos à roda da mesa de Sennb-Aanit e sentíamos um prazer particular em felicitar Boora, que nos salvara a todos.

«Soube mais tarde que Derblet o tratava como um irmão e o associara nos benefícios da sua exploração.

«Era de toda a justiça, porque esse preto, que foi um herói no episódio que passou a chamar-se depois a «aventura de Sennb-Aanit», é bem o homem mais dedicado e mais prodigioso que tenho visto.

Trad. AMELIA FERREIRA.